

Antonia ROTHMAYR. *The Structure of Stative Verbs*.
Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing
Company, 2009. 216 pp. ISBN 978 90 272 5526 6
(hardback)

Luís Filipe Cunha
luisfilipeleitecunha@gmail.com
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Se é certo que, nos últimos anos, tem sido produzida abundante literatura relativa ao Aspecto e à classificação aspectual de predicções, não deixa, contudo, de ser igualmente verdade que os estativos têm sido frequentemente relegados para segundo plano, com a justificação de que constituem uma classe menos complexa, cujos representantes ostentam uma estruturação interna completamente linear. Com *The Structure of Stative Verbs*, Antonia Rothmayr procura pôr em causa algumas destas concepções, defendendo a ideia de que os estados nem sempre se apresentam como predicções inteiramente desprovidas de estrutura e de que existe uma grande diversidade no interior da classe aspectual em questão.

No primeiro capítulo, de cariz introdutório, a autora reflecte brevemente sobre a natureza dos predicados estativos, defendendo a necessidade de reconhecer diferentes tipos de estados e de aprofundar o conhecimento sobre a relação entre estados e eventos. São seguidamente delineados os objectivos que se propõe alcançar. Estes passam, fundamentalmente, pelo estudo aprofundado dos diversos verbos que integram predicções estativas com especial atenção para aqueles que entram em configurações em que se observam ambiguidades entre estados e eventos.

No capítulo 2, intitulado *Theoretical Considerations*, são passadas em revista as principais bases teóricas que irão fundamentar o trabalho realizado. Assim, a autora começa por discutir algumas propostas relacionadas com a semântica de eventos e a estrutura argumental, com especial destaque para as diferentes contribuições que advogam a introdução de um argumento evento na representação formal das predicções. Passa, seguidamente, à discussão de trabalhos, como os de Pustejovsky, que sustentam a ideia de que cada nível da projecção verbal denota um subevento. É igualmente referida a distinção, sugerida por Maienborn, entre “Kimian states” e “Davidsonian states”, em que os primeiros representam propriedades de um indivíduo, ao passo que os segundos integram um argumento espaço-temporal, semelhante ao que surge nos eventos. Numa segunda parte do capítulo, a autora introduz o conceito de Forma Semântica, em que uma entrada lexical é especificada com relação à informação gramatical relevante, procedendo a uma breve exemplificação do modo como se obtém a derivação sintáctica da estrutura argumental dos verbos, enquanto entradas lexicais, a partir da representação contida na sua Forma Semântica. Seguidamente, é debatida a relação que se estabelece entre estrutura argumental, informação lexical e configuração sintáctica, sendo colocadas em confronto abordagens de tipo projeccionista e de tipo construcionista. Em particular, são-nos dadas a conhecer algumas propostas de análise em que a derivação das propriedades aspectuais de um dado item lexical se encontra directamente associada ao tipo de núcleos funcionais representados e em que as várias subfases de um evento são codificadas na sua estrutura sintáctica. O capítulo encerra com uma tentativa de definição de predicções estativas, encaradas como entidades abstractas, localizáveis em termos temporais mas não espaciais. São ainda avançados os principais critérios que permitem identificar os estados que não contemplam uma variável espaço-temporal de tipo davidsoniano: impossibilidade de surgirem como complementos de verbos perceptivos; incompatibilidade com locativos e severas restrições quanto à modificação por diferentes tipos de adverbiais. Finalmente, e embora o presente volume se ocupe quase exclusivamente de estados lexicais, são brevemente referidas algumas construções capazes de conferir características estativas às predicções em que ocorrem, como sucede com a expressão da

genericidade / habitualidade, com o “Perfect” de valor resultativo ou com as passivas adjectivas.

O terceiro capítulo, intitulado *Stative / Eventive Ambiguities*, é inteiramente dedicado à análise de alguns verbos que manifestam uma alternância sistemática entre leituras estativas e eventivas. Pertencem a esta classe os designados verbos de alternância instrumental, exemplificados por itens como *obstruir*, *cercar* ou *enfeitar*. Com estes verbos, o Sujeito tanto pode ser realizado por um Agente (cf. “A Maria enfeitou o bolo (com velas)”), caso em que obtemos uma leitura eventiva, como por um argumento de natureza instrumental (cf. “As velas enfeitam o bolo”), caso em que a leitura preferencial é de cariz estativo. A autora aplica testes como o da (in)compatibilidade com advérbios de modo orientados para o evento, a (in)capacidade de combinação com locativos e as (im)possibilidades de leitura temporal da expressão “a little” (‘um pouco’) para comprovar, em termos linguísticos, a validade da alternância aspectual referida. No que diz respeito à discussão da composição semântica dos verbos em questão, a autora defende que em qualquer das leituras está envolvido um operador de causa – o que significa, em última instância, que a sua presença não altera aspectualmente a interpretação final do item lexical com que comparece, sendo, por conseguinte, compatível tanto com eventos quanto com estados –, devendo-se a divergência em termos aspectuais à realização, na estrutura lexical das versões eventivas, de um operador *do* e/ou *become*, necessariamente ausente nas configurações estativas.

Um segundo caso de verbos que manifestam uma ambiguidade sistemática entre uma interpretação de estado e uma leitura de evento é ilustrado pelas formas que envolvem um experienciador, ora na posição de Sujeito, favorecendo a emergência de predicções estativas, ora na posição de Objecto, integrando tipicamente construções eventivas (cf. “Os pais preocupam-se com as crianças” vs. “As crianças preocuparam os pais”). Também nestes casos, e após a aplicação dos testes relevantes, A. Rothmayr postula a presença de um operador *cause* em ambas as interpretações, derivando a leitura eventiva, mais uma vez, da presença de um operador *do* (relativo a uma fase processual) ou de um operador *become* (relativo à emergência de um estado consequente associado à presença de uma mudança de estado

na estrutura lexical do verbo). Para além do Alemão e do Inglês, são discutidos e analisados verbos pertencentes a esta classe no Italiano, no Espanhol e no Finlandês. Finalmente, defende-se a ideia de que a estrutura eventiva (i.e. as subfases representadas) se reflecte na estrutura sintáctica que caracteriza estes verbos, em particular no que diz respeito à projecção de categorias funcionais.

Uma terceira classe de verbos que manifestam a alternância entre leituras eventivas e estativas é-nos apresentada como a “threaten-class” (classe de verbos do tipo de ‘ameaçar’). Mais uma vez, estes itens lexicais ostentam uma ambiguidade sistemática entre uma interpretação eventiva (cf. “O ladrão ameaçou os polícias”) e uma leitura estativa (cf. “A escassez de água ameaça a sobrevivência dos animais”). Nestes casos, a autora defende que não existe um operador *cause* na estrutura do verbo, mas antes uma componente de natureza modal que exprime uma possibilidade epistémica. Tal como observado anteriormente, será a presença de um operador *do* que irá licenciar as leituras de cariz eventivo.

No que diz respeito às classes de verbos que dão origem a ambiguidade entre leituras eventivas e estativas, são ainda considerados os designados verbos disposicionais, ou seja, verbos que, no Alemão, atribuem caso dativo a um dos seus argumentos, como sucede com *helfen* (‘ajudar’). Mais uma vez, tanto nas configurações de natureza estativa quanto nas de índole eventiva está representado um operador *cause*, residindo a diferença entre as duas interpretações na presença de *do* e/ou *become*, no caso de o verbo expressar um evento. Como um último exemplo de ambiguidade entre leituras eventivas e estativas, são ainda analisados verbos de percepção como *ver* e *ouvir*.

No quarto capítulo, intitulado *Non-ambiguous Statives*, são-nos dadas a conhecer algumas classes de verbos que se comportam, de forma sistemática, como verdadeiros estados. Assim, verbos que seleccionam um Sujeito experienciador ou possuidor, como *saber*, *amar*, *querer*, *ter* ou *possuir*, manifestam leituras exclusivamente estativas. A. Rothmayr analisa diferentes verbos pertencentes a esta classe, propondo, por um lado, a sua subdivisão em três grupos – “emotional experiencer-subject verbs”, “cognitive experiencer-subject verbs” e “possessor-subject verbs” – e sustentando, por outro, o seu carácter inequivocamente estativo, com base nos testes a que recorreu no

capítulo anterior. A autora sublinha ainda que, em línguas como o espanhol, verbos com um sujeito experienciador são ambíguos entre uma leitura estativa e uma interpretação de cariz eventivo, correspondendo esta última a uma configuração aspectual de tipo incoativo. A estes verbos é atribuída uma estrutura extremamente simples, na medida em que neles não se projecta qualquer tipo de operador. As leituras eventivas que lhes estão associadas em certas línguas são obtidas a partir da introdução de um operador *become* na sua entrada lexical. Dado que este tipo de estativos projecta um Sujeito argumento externo, A. Rothmayr argumenta em favor da independência do licenciamento desta posição sintáctica e da possibilidade de formação de estruturas passivas relativamente à noção de estatividade.

São-nos seguidamente apresentadas outras classes de verbos que ostentam um comportamento exclusivamente estativo, em particular verbos que, no Alemão, atribuem caso dativo ao Experienciador ou ao Possuidor, do género de *apelar*, *agradar* ou *pertencer*; verbos de “medição”, como *custar* ou *durar*, que diferem dos anteriores pelo facto de subcategorizarem um sintagma de medida como seu complemento; alguns verbos que seleccionam um complemento preposicional, como *consistir* ou *confinar*. Todas estas formas verbais têm em comum o facto de, em princípio, não poderem integrar predicacões de natureza eventiva e de manifestarem uma estrutura lexical maximamente simples, em que não figuram quaisquer operadores, consistindo apenas no próprio predicado e nos seus argumentos.

O quinto capítulo, intitulado *Verbs of Position*, é inteiramente dedicado à discussão das propriedades aspectuais e da estrutura associada aos verbos de “posição”. A. Rothmayr defende a ideia de que existem verbos de “posição” tipicamente estativos, como os verbos do Inglês *sit* ou *stand*, que exprimem a mera localização de um dado objecto no espaço, correspondentes, em muitos dos casos, a frases que envolvem construções copulativas. No entanto, ao analisar os designados verbos de “postura corporal”, como *acocorar-se* ou *ajoelhar-se*, a autora observa que estes se comportam como os eventos, podendo muitos deles receber inclusivamente leituras agentivas. Nesse sentido, sugere que estes últimos incluam na sua estrutura lexical o operador *do*, diferindo assim dos verbos de “posição” estativos, que não contemplam qualquer operador na sua projecção. No sentido de

sustentar a subdivisão apresentada, recorre a evidência fornecida pela morfologia da língua Chantyal. Ao assumir esta clara separação entre verbos de “posição” estativos e verbos de “postura corporal” eventivos, A. Rothmayr considera que se torna desnecessária a adopção de uma terceira classe aspectual, os designados estados davidsonianos, tal como proposta por Maienborn.

A análise dos diferentes tipos de verbos estativos prossegue no sexto capítulo, intitulado *Verbs of Internal Causation*. A autora observa que os verbos que exprimem uma causa interna se comportam, tipicamente, como eventos, na medida em que se combinam, sem problemas, com advérbios de modo e com locativos, podendo igualmente surgir como complemento de verbos perceptivos. São considerados alguns verbos de “emissão” que manifestam alternâncias interessantes ao nível do Sujeito, que tanto pode ser um agente (cf. “O João iluminou a sala (com a lanterna)”) como um Instrumento (cf. “A lanterna iluminou a sala”). No entanto, esta alternância não parece ter um impacto significativo sobre o perfil aspectual das situações em causa, já que, em qualquer dos casos, estamos perante predicacões eventivas, residindo a diferença entre as estruturas em estudo apenas na presença vs. ausência de agentividade. Nesse sentido, a Forma Semântica atribuída a este tipo de verbos será idêntica, envolvendo um operador *do*, responsável pelo comportamento eventivo observado.

O sétimo capítulo, intitulado *Event Structure and Theta Features*, procura sistematizar algumas das observações que foram feitas ao longo da análise das várias classes de verbos que, de uma forma ou de outra, envolvem estatividade. É prestada especial atenção à atribuição de traços às diferentes posições argumentais projectadas pelo verbo. Tomando como ponto de partida os operadores propostos por Dowty – *do*, *cause* e *become* – a autora procura caracterizar as entradas lexicais dos verbos, fazendo reflectir na estrutura sintáctica as diversas subfases associadas à constituição temporal interna das eventualidades. Por outras palavras, vão ser os operadores aspectuais *do*, *cause* e *become* que, em última instância, irão determinar a “arquitectura” de cada entrada lexical e as projecções funcionais que lhe estão associadas. Quanto maior for o número de operadores, mais complexa será a estrutura sintáctica de um verbo.

Cada um dos operadores é caracterizado em termos aspectuais: *become* exprime uma mudança de estado; *do* refere um processo em curso e *cause* dá conta de uma relação entre um causador e a o desenrolar de uma situação. Em seguida, são inventariadas as possibilidades de combinação entre operadores, fazendo derivar cada uma das classes de verbos da relação estrutural que eles estabelecem entre si. São igualmente abordados os mecanismos que regem o licenciamento dos traços temáticos atribuídos aos argumentos do verbo, tendo em conta as projecções funcionais a que cada um deles se encontra ligado, constatando-se que os traços léxico-sintácticos estão sujeitos ao mesmo tipo de restrições que regulam a verificação dos restantes traços na sintaxe. Conclui-se que a distinção entre estados e eventos será, em última instância, derivável a partir do número e da natureza das projecções funcionais de tipo aspectual associadas a cada item lexical.

O capítulo oitavo, *Conclusion, encerra a obra. Após uma breve referência a duas classes de verbos que não foram analisadas nos capítulos anteriores – os modais e os predicados que exprimem sensações – a autora destaca algumas conclusões que se podem retirar do estudo efectuado. Em particular, assume (i) que os estados não formam uma classe uniforme no que respeita à representação dos itens lexicais que nela tomam parte; (ii) que as leituras eventivas resultam directamente da presença dos operadores *do* ou *become* na estrutura do verbo; (iii) que alguns verbos estativos apresentam uma estrutura relativamente complexa, podendo contemplar operadores como *cause*; (iv) que a constituição temporal interna de um predicado se reflecte na sua projecção sintáctica.*

Embora traga novas respostas para uma melhor compreensão da problemática da estatividade e interessantes pistas de investigação na interface entre léxico, semântica e sintaxe, este trabalho não deixa, contudo, de colocar algumas questões de difícil resolução. Uma delas prende-se com os testes utilizados para o reconhecimento de predicados estativos: ao assumir que os locativos permitem diferenciar estados de eventos, a autora não tem em conta que existem certas configurações de cariz estativo que suportam, sem dificuldades, este tipo de modificação (cf. “O João teve sono na escola”). Um tal problema ganha ainda maiores proporções se pensarmos que não

são reconhecidas subclasses distintas no interior da grande classe dos estativos, sendo defendido, inclusivamente, que a distinção entre eventos e estados não assume uma natureza graduável, visto que, segundo a proposta aqui desenvolvida, deriva exclusivamente da presença vs. ausência dos operadores *do* e *become*. Finalmente, o facto de se encarar a distinção entre estados e eventos apenas ao nível dos verbos enquanto itens lexicais conduz inevitavelmente à impossibilidade de captar e compreender o importante papel que um vasto conjunto de factores (incluindo o estatuto semântico dos argumentos ou outros tipos de operadores) desempenha na caracterização aspectual global das predicções.

Em suma, poderemos dizer que o presente volume contribui decisivamente para o aprofundamento dos nossos conhecimentos no que respeita à classe aspectual dos estados, sobretudo porque nos procura dar uma perspectiva integrada que põe em interacção factores lexicais, semânticos e sintácticos, mostrando como a estrutura aspectual de cada verbo desempenha um papel crucial no tipo de configurações em que este pode comparecer.

REFERÊNCIAS

- Dowty, D. R., 1979. *Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht: Reidel.
- Kratzer, A., 1995. Stage-level and Individual-level Predicates. In G. N. Carlson; F. J. Pelletier (eds.). *The Generic Book*. Chicago: Chicago University Press, 125-175.
- Maienborn, C., 2007. On Davidsonian and Kimian States. In I. Komorovski; K. von Heusinger (eds.). *Existence: Semantics and Syntax*. Dordrecht: Springer, 107-130.
- Pustejovsky, J., 1991. The Syntax of Event Structure. *Cognition*. 41: 47-81.